



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E
SECRETARIADO EXECUTIVO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

KENNEDY FRANÇA SARAIVA

COMÉRCIO BILATERAL ENTRE O CEARÁ E OS ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA (1998-2018)

FORTALEZA

2020

KENNEDY FRANÇA SARAIVA

COMÉRCIO BILATERAL ENTRE O CEARÁ E OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
(1998-2018)

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S1c Saraiva, Kennedy Franca.
Comércio bilateral entre o Ceará e os Estados Unidos da América
(1998-2018) / Kennedy Franca Saraiva. – 2020.
48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do
Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso
de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos.

1. Comércio Internacional do Ceará. 2. Estados Unidos da América. 3. Comércio
Exterior. I. Título.

CDD 330

KENNEDY FRANÇA SARAIVA

COMÉRCIO BILATERAL ENTRE O CEARÁ E OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
(1998-2018)

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Economia.

Aprovada em: 19/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fabricio José Costa de Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Maria Beatriz Cunha Pinheiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Historicamente, os Estados Unidos têm sido o maior parceiro comercial do Brasil, exercendo influência considerável nos direcionamentos das políticas de comércio exterior do Brasil. Regionalmente, a relação comercial entre o Ceará e os Estados Unidos é significativa para o desempenho da balança comercial cearense. Em 2018, os EUA permaneceu como o maior destino das exportações locais, 38,3% do total exportado, e o segundo maior fornecedor, 18,5% do total importado. O objetivo do presente trabalho é analisar o panorama das trocas comerciais entre o Estado do Ceará e os Estados Unidos, no período compreendido entre 1998 e 2018, analisando aspectos da pauta exportadora e importadora de tais trocas. A análise foi feita por setor de atividade econômica, por grandes categorias econômicas e por Nomenclatura Comum do Mercosul. Também foi discorrida a evolução do saldo da balança comercial cearense com os Estados Unidos da América, além de verificar o nível de concentração das exportações cearenses com esse país, no sentido de entender em que bases se estabelecem o intercâmbio comercial com a potência norte americana.

Palavras-chave: Comércio Internacional do Ceará. Estados Unidos Da América. Comércio Exterior.

ABSTRACT

Historically, the United States has been Brazil's largest trading partner, exerting enormous influence on the direction of Brazil's foreign trade policies. Regionally, the trade relationship between Ceara and the United States is significant for the performance of the Ceara trade balance. In 2018, the U.S. remained the largest destination for local exports, 38.3% of total exported, and the second largest supplier, 18.5% of total imported. The objective of this work is to analyze the panorama of trade between the State of Ceara and the United States, in the period between 1998 and 2018, analyzing aspects of the export and import agenda of such trade. The analysis was made by sector of economic activity, by broad economic categories and by Mercosur Common Nomenclature. It was also discussed the evolution of the balance of trade of Ceara with the United States of America, besides verifying the level of concentration of Ceara exports with that country, in order to understand on which bases the commercial exchange with the North American power is established.

Palavras-chave: Ceara International Trade. USA. Foreign Trade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Exportações e importações brasileiras (2001-2008) (Em US\$ bilhões)..	15
Gráfico 2 – Variação das Exportações, de 1998 a 2018 (US\$)	20
Gráfico 3 – Variação das Importações, de 1998 a 2018 (US\$)	21
Gráfico 4 – Variação do Saldo da Balança Comercial, de 1998 a 2018 (US\$)	22
Gráfico 5 – Evolução da participação nas exportações cearenses por grupos de uso dos produtos (Destino EUA) - 1998 a 2018 (%)	24
Gráfico 6 – Evolução da participação nas importações cearenses por grupos de uso dos produtos (Oriundos dos EUA) - 1998 a 2018 (%)	25
Gráfico 7 – Evolução do número de produtos (NCM) participantes da pauta de exportações cearenses (Destino EUA) - 1998 a 2018.....	27
Gráfico 8 – Evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) participantes da pauta de exportações cearenses em cada ano – 1998 a 2018 (%) (Destino EUA)	27
Gráfico 9 – Evolução do número de produtos (NCM) participantes da pauta de importações cearenses (oriundos dos EUA) - 1998 a 2018	31
Gráfico 10 – Evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) participantes da pauta de importações cearenses em cada ano – 1998 a 2018 (%) (Oriundos dos EUA)	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Balança comercial (%) cearense com os Estados Unidos (1998-2018) ..	19
Tabela 2 – Exportações Cearenses (Destino EUA) – ISIC – Anos selecionados (%).....	22
Tabela 3 – Importações Cearenses (Origem EUA) – ISIC – Anos selecionados (%).....	23
Tabela 4 – Evolução do valor das exportações cearenses por produtos (NCM) que estiveram em alguma das dez principais posições nos anos selecionados (Destino EUA) (US\$ Milhões FOB).....	28
Tabela 5 – Evolução do valor das importações cearenses por produtos (NCM) que estiveram em alguma das dez principais posições nos anos selecionados (Origem EUA) (US\$ Milhões FOB)	32
Tabela 6 – Comparativo da evolução da participação dos principais países de destino das exportações cearenses - 1998 a 2018 (%)	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGCE	Classificação por Grandes Categorias Econômicas
CSP	Companhia Siderúrgica do Pecém
CUCI	Classificação Uniforme do Comércio Internacional
G20	Grupo dos 20
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IED	Investimentos Estrangeiros Diretos
IMTS	InternationalMerchandise Trade Statistics
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
ISIC	A Classificação Internacional Normalizada Industrial de Todas as Atividades Económicas (CINI) (em inglês: International Standard Industrial ClassificationofAllEconomicActivities ou ISIC)
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
NCM	Nomenclatura Comum do Mercosul
OECD	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
PROAPI	Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais
PROVIN	Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Industrial
SECEX	Secretaria de Comércio Exterior
SH	Sistema Harmonizado
UNSD	Divisão de Estatísticas das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	O Estado do Ceará: perfil econômico	12
2.2	Relação bilateral entre Brasil e Estados Unidos da América	14
3	METODOLOGIA	17
3.1	Avaliação por Atividade Econômica (ISIC)	17
3.2	Avaliação por grandes categorias econômicas	18
3.3	Avaliação por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM)	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
4.1	Avaliação por setor de atividade econômica	23
4.2	Avaliação por grandes categorias econômicas	25
4.3	Principais municípios exportadores	27
4.4	Avaliação por Nomenclatura Comum do Mercosul	28
4.5	Principais Produtos Importados Cearenses (NCM)	32
4.6	Nível de concentração das exportações cearenses destinadas aos EUA	36
5	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICE A – PRINCIPAIS MUNICÍPIOS EXPORTADORES (DESTINO EUA)	43
	APÊNDICE B – RELAÇÕES COMERCIAIS (EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E SALDO DA BALANÇA COMERCIAL), ESTADO DO CEARÁ, 1997 A 2018	44
	APÊNDICE C – EXPORTAÇÕES CEARENSES – ISIC VERSUS FATOR AGREGADO – 2018	45
	APÊNDICE D – IMPORTAÇÕES CEARENSES – ISIC VERSUS FATOR AGREGADO – 2018	46

1 INTRODUÇÃO

Historicamente os Estados Unidos têm sido um dos maiores parceiros comerciais do Brasil, exercendo influência considerável nos direcionamentos das políticas de comércio exterior do Brasil. A relação comercial entre o Ceará e os Estados Unidos é bastante significativa para o desempenho da balança comercial cearense. Em 2018, os EUA permaneceu como o maior destino das exportações locais, 38,3% do total exportado, e o segundo maior fornecedor, 18,5% do total importado pelo Ceará.

A partir da década de 1990, o ambiente macroeconômico brasileiro, antes voltado para dentro num modelo de substituição de importações, passou por um processo de abertura comercial, em que foram eliminadas barreiras não tarifárias e reduziram-se o grau de proteção da indústria local (AVERBUG, 1999). Entre 1990 e 2008 observa-se uma elevação constante das exportações e importações cearenses, refletindo o processo de integração e abertura comercial da economia brasileira.

Embora tenha expandido o fluxo de trocas comerciais com outros países, entre 1990 e 1996 o saldo da balança comercial cearense se manteve estagnado e passou a ser crescente apenas a partir de 1997, explicado principalmente pela adoção de políticas estatais de incentivos industriais como o Programa de Incentivo às Atividades Portuárias e Industriais (PROAPI), que permitiram uma recomposição da pauta exportadora para produtos com maior valor agregado, e do aumento do nível de preços das *commodities*¹ no mercado global.

Segundo Teles (2004), o aumento da diversificação dos mercados consumidores e a elevada utilização da capacidade instalada da indústria cearense permitiram uma trajetória sempre crescente das exportações no Estado, observadas entre 1997 e 2009, tendo essa trajetória crescente reduzida devido à crise financeira que eclodiu nos Estados Unidos em 2008, principal parceiro comercial do Estado do Ceará até então.

¹ **COMMODITY (Commodities).** O termo significa literalmente “mercadoria” em inglês. Nas relações comerciais internacionais, o termo designa um tipo particular de mercadoria em estado bruto ou produto primário de importância comercial, como é o caso do café, do chá, da lã, do algodão, da juta, do estanho, do cobre etc. Fonte: Sandroni, Paulo. Dicionário de Economia. São Paulo: Ed. Best Seller, 1999

Dessa forma, o presente trabalho pretende analisar a trajetória das trocas comerciais entre o Ceará e o seu principal parceiro econômico no âmbito internacional, os Estados Unidos da América, no período compreendido entre 1998 e 2018. A avaliação foi feita por setor de atividade econômica, por grandes categorias econômicas e por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), também foi percorrida a evolução do saldo da balança comercial cearense com os Estados Unidos da América, além de verificar o nível de concentração das exportações cearenses com esse país, no sentido de entender em que bases se estabelecem o intercâmbio comercial com a potência norte americana.

O texto está estruturado em cinco seções, incluído essa introdução. Na seção dois, é abordado o referencial teórico para a realização deste trabalho, além de uma breve contextualização da evolução do comércio exterior do Estado do Ceará a partir dos anos 1990 até os anos de 2010, e da relação bilateral entre Brasil e os Estados Unidos da América. Na terceira seção é exposta a metodologia empregada no trabalho. Na quarta seção é realizada a análise dos resultados, e por fim as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do comércio internacional é um debate antigo da ciência econômica, que surgiu da necessidade de explicar como se processam as trocas comerciais entre as nações, de modo a identificar seus principais determinantes. A constatação de que nenhuma nação é auto suficiente o bastante para produzir todos os bens e serviços que precisa fez surgir o comércio internacional (SILVA, 2001).

Muitas economias perceberam que o intercâmbio entre outras nações era vital para atender à demanda do mercado interno, visto que cada país possui condições diferentes em relações aos fatores de produção que possui como mão de obra, recursos naturais e nível de tecnologia.

Desde os mercantilistas já era reconhecida a importância de estudar o comércio internacional, como salienta (SILVA, 2001, p. 14):

A importância do estudo do comércio e das finanças internacionais é reconhecida desde a era dos mercantilistas, no século XVI, quando tornou-se evidente que, participando do comércio internacional, cada país podia usar seus recursos de uma forma mais eficiente.

Além do motivo citado acima, para os mercantilistas a principal justificativa para comercializar com outras nações derivava de uma oportunidade de se obter um excedente na balança comercial. Maluf (2000), afirma que o comércio internacional é o intercâmbio de bens entre países, sendo resultado das especializações na divisão internacional do trabalho e das vantagens comparativas dos países. Dentro desse comércio internacional cada nação foi se especializando de acordo com suas vantagens comparativas. Algumas nações se tornaram mais integradas e, conseqüentemente, dependentes de outras. Para compreender a importância das trocas comerciais entre as nações é preciso interpretar as teorias do comércio internacional. As teorias vão desde as tradicionais, como a das vantagens absolutas, a da vantagem comparativa, e a de Heckscher e Ohlin até as teorias mais recentes, tais como: A teoria da vantagem competitiva de Porter e o Modelo de Yoffie.

Desenvolvida por Adam Smith em 1776, a teoria das vantagens absolutas diz que cada país deve se especializar na produção de bens em que o custo é menor para se produzir, a fim de se obter uma vantagem absoluta. Aquilo que exceder o consumo da demanda interna deveria ser exportado, no intuito de se obter receita

para a compra de bens importados (SMITH, 1985, COUTINHO *et al.*, 2005). Para Smith, a riqueza das nações era resultado do aumento da produtividade de trabalho, se cada nação produzir mais barato domesticamente, ela contribui para a eficiência da divisão internacional do trabalho, e somente através dessas trocas entre as nações dentro da divisão internacional as nações poderiam elevar os níveis de renda e de bem-estar de suas respectivas populações.

David Ricardo (1982) aprimorou a ideia da vantagem absoluta de Adam Smith, criando a Teoria das vantagens Comparativas, que estende a possibilidade de ganhos de comércio também para países que não possuem vantagens absolutas, mas sim vantagens comparativas. Ou seja, uma nação além de poder produzir um bem em que ela possui vantagem absoluta, ela também pode produzir bens em que o custo de oportunidade é menor. O fundamento é produzir determinado bem com baixo custo, sem abrir mão de outro tipo de produção possível e que pode ser lucrativa (RICARDO, 1982).

De acordo com a teoria de Heckscher e Ohlin, as trocas internacionais estão baseadas na abundância e escassez relativa dos fatores de produção de que são dotadas as nações. Cada nação se especializará na produção dos bens que requeiram fatores produtivos que detêm em grande quantidade, e importará bens que tenham fatores produtivos em pequena quantidade, dessa forma o comércio internacional será uma troca de fatores abundantes por fatores escassos (OHLIN, 1933).

Com as mudanças tecnológicas e organizacionais, além da concorrência imperfeita no comércio mundial, surgiu a necessidade de novas teorias do comércio internacional, que complementassem ou corrigissem as teorias clássicas do comércio internacional. Diferente das teorias clássicas, as teorias modernas diferem por suporem uma concorrência imperfeita como pano de fundo para o funcionamento do mercado (WEINHOLD, 2014, p. 22).

Um dos teóricos que se contrapuseram as teorias clássicas do comércio internacional foi Porter (1989), que propôs uma abordagem diferente da vantagem comparativa, na qual defende que a vantagem competitiva é alcançada através do “[...] aumento da produtividade, que se dão por meio de inovações, decorrentes de novas tecnologias, novos métodos de treinamento, novas abordagens de marketing ou aprimoramento dos processos produtivos e gerenciais”. (COUTINHO *et al.*, 2005, p. 107). Para Coutinho *et al.* (2005, p. 102), as vantagens competitivas se constroem,

sendo resultantes de concorrência imperfeita e de inovações frequentes que beneficiam e aumentam a produtividade de uma nação.

Yoffie (1993) afirmou que o comércio mundial é composto pela competição oligopolística², onde as nações devem construir vantagens competitivas, com ações políticas e estratégicas, compartilhando do mesmo pensamento que Porter (1989) nesse quesito. Yoffie (1993) dá um importante passo no sentido de fazer uma síntese das diferentes teorias de comércio internacional, desenvolvendo uma estrutura global, em que a complexidade do comércio e investimento internacional pode ser sintetizada explicando a interligação entre cinco fatores: estrutura da indústria, atributos organizacionais e estratégicos das empresas, políticas governamentais, inércia empresarial e inércia da história.

2.1 O Estado do Ceará: perfil econômico

Até a década de 1990 o Estado do Ceará tinha uma economia pouco aberta e uma pauta de comercialização internacional marcada pela deterioração das relações de trocas no comércio internacional, que se configurava pela exportação de produtos básicos e importação de produtos de elevado valor agregado (MELO, 2006). Na primeira metade da década de 1990 a pauta cearense pouco se alterou, sendo composta, em sua grande maioria, por produtos com baixo valor agregado no mercado internacional. Esse fato foi constatado em 1996, quando o Estado foi o principal exportador de doze setores dentre os quarenta e cinco mais representativos do Nordeste, sendo a maioria de baixo valor agregado.

Somente a partir de 1997 pôde se identificar uma recomposição da pauta, derivada de programas de incentivos industriais como o (PROAPI), que tinha a finalidade de atrair empresas do setor de couros e calçados. Setores tradicionais na pauta estadual como castanha de caju e têxteis passaram a ceder lugar aos setores de couros e calçados, que foram amplamente incentivados pelo governo estadual,

² Oligopólio: É uma situação de mercado com poucos vendedores e muitos compradores. A palavra “oligopólio” vem do grego e significa poucos vendedores. É a forma de mercado que atualmente prevalece nas economias do mundo ocidental. Ele se divide em oligopólio puro e em oligopólio diferenciado. SANDRONI, Paulo. Novíssimo dicionário de economia. São Paulo: Ed. Best Seller, 1999.

mostrando as consequências diretas da intervenção estatal na economia do Estado (MELO, 2008, p. 230).

De acordo com o Apêndice B, apesar da balança comercial do Ceará permanecer com saldo negativo durante toda década de 1990, a partir de 1997 os resultados dos valores das exportações passaram a ter uma trajetória crescente. O saldo negativo da balança reduziu-se até 2002 quando passou a ser positivo até o ano de 2005, retomando trajetória decrescente em 2006.

Conforme afirmação de Teles (2004), o desempenho positivo das exportações no período compreendido entre 1997 e 2008 é consequência, do aumento da diversificação dos mercados consumidores e a elevada utilização da capacidade instalada da indústria, além de políticas de incentivos do governo, tais como (PROAPI) e (PROVIN).

Em relação ao fator agregado da pauta de produtos cearenses, observa-se uma tendência à perda de representatividade de produtos com baixa intensidade tecnológica a partir da década de 2000 (MELO, 2008).

Houve uma recomposição da pauta exportadora derivada de políticas governamentais de atração de empresas privadas. Vários produtos pertencentes aos principais setores exportadores e importadores na década de 2000 não eram exportados na década de 1990, principalmente os setores de couros, calçados e algodão, que no decorrer da década de 2000 passaram a ter posição de destaque (MELO, 2008).

Observando a evolução da balança comercial de 1998 até 2016, as exportações seguem uma tendência de crescimento, no entanto essa tendência crescente é interrompida com uma queda em 2009, resultante da crise financeira do principal mercado consumidor dos produtos cearenses até então, os Estados Unidos (CUNHA; PRATES; BICHARA, 2009).

Do lado das importações observam-se valores relativamente baixos entre 1997 e 2005, mas superiores às exportações, devido à imposição do governo para o alcance do equilíbrio da balança comercial e das instabilidades ocorridas no mercado internacional (CUNHA; PRATES; BICHARA, 2009). A partir de 2006 o nível de importação do Ceará se eleva devido à melhora do nível de renda da população (CUNHA; PRATES; BICHARA, 2009), aliados à elevação de bens de capital e de alta tecnologia, demandados pelas obras estatais e pela migração de grandes empresas atraídas por incentivos fiscais do governo (CEARÁ, 2014).

Em 2018 a economia cearense quebrou recordes, se consolidando como o ano com o maior nível de exportações do Estado, US\$ 2,34 bilhões. Nesse mesmo ano ocupou o 3º lugar no ranking de exportações da Região Nordeste (CEARÁ, 2019).

A parceria com os Estados Unidos representa a maior fatia dos destinos das exportações do Estado em 2018, representando 36,9% do total exportado, seguido pela Coréia do Sul com 7,77% e pela Turquia com 6,15% (CEARÁ, 2019). Nas importações a China é o principal parceiro do Estado do Ceará, representando 21,69% do total importado pelo Ceará, seguido pelos Estados Unidos que representou 18,03% do total importado em 2018.

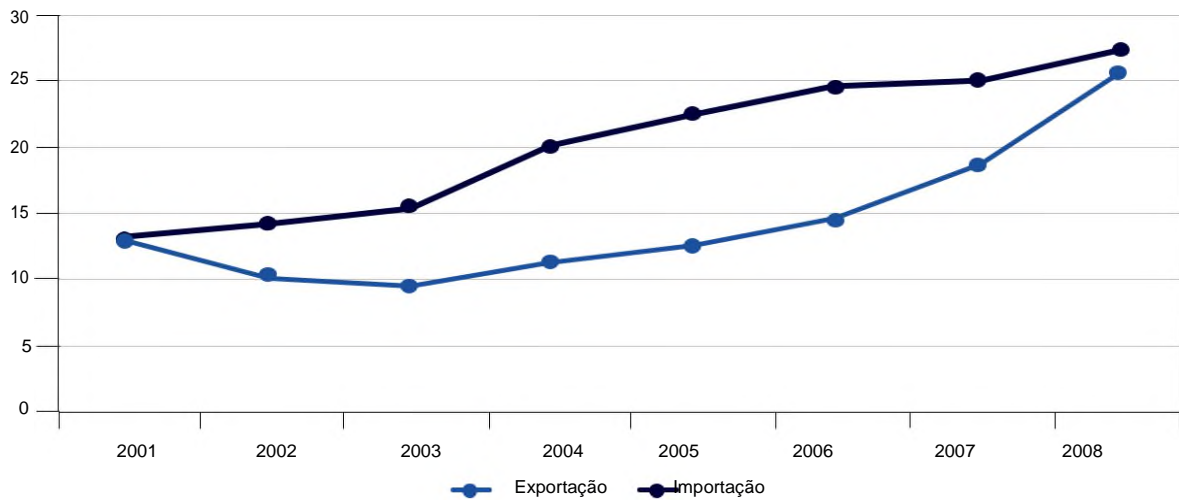
Há também uma clara evidência da influência da atuação de empresas exportadoras de produtos siderúrgicos que atuam no Estado do Ceará, já que as exportações de produtos siderúrgicos ocupam três das dez primeiras posições no ranking de produtos exportados em 2018. Isso ainda é constatado pelo fato dos combustíveis para indústria siderúrgica serem o principal produto importado de 2018, seguido pelo trigo, que é um insumo fundamental para a forte produção de massas do estado (CEARÁ, 2019).

2.2 Relação bilateral entre Brasil e Estados Unidos da América

As relações comerciais entre Brasil e os EUA nos anos 1990 foram marcadas pela importância dos Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), em que os EUA foram a principal fonte de IED entre 1991 e 1998, aproximadamente 50% (ANDRADE; NARETTO; FRANCO, 2010, p. 15). Além disso, houve uma inversão da balança comercial. Com o advento do Plano Real, a balança comercial brasileira passou a ter déficit comercial significativo, em que as transações com os EUA representavam 50% desse déficit. Esse déficit só seria reduzido em 1999 devido à desvalorização do real.

Entre 2000 e 2008, o Brasil recuperou o saldo comercial em relação aos EUA, por conta do aumento dos preços das commodities e da liquidez do sistema financeiro internacional no início dos anos 2000 (VIGEVANI, 2011), como mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Exportações e importações brasileiras (2001-2008) (Em US\$ bilhões)



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Como já referido neste estudo, historicamente, os Estados Unidos têm sido o maior parceiro comercial do Brasil, exercendo influência direta e indireta nos direcionamentos das nossas políticas de comércio exterior. A economia mundial passou por grandes transformações entre o fim do século passado e início do século XXI, com a ascensão da potência chinesa que ameaça a hegemonia econômica dos EUA, além de uma maior representatividade de países emergentes na economia mundial, incluindo o Brasil como Global Player.

Nesse processo de transformação, a política externa brasileira passou a ter novas prioridades, ainda mais no período do governo Lula, em que se buscou uma aproximação comercial com países fora do eixo Estados Unidos e União Europeia. Observou-se uma perda de relevância dos Estados Unidos como parceiro comercial do Brasil, pois quando começou o governo Lula com a nova estratégia de política externa, a participação dos Estados Unidos como destino das exportações brasileiras era de 22,9%, caindo para 9,6%, em 2011, ao final do segundo governo Lula (CEARÁ, 2019).

Em 2008, com o desencadeamento da crise econômica dos EUA, o comércio bilateral entre os dois países diminuiu, no entanto houve cooperação no sentido de conter os efeitos da crise no G20 (Grupos dos 20) (DESIDERÁ NETO; ALBRES, 2012). Além da crise, a ascensão da China como maior parceiro comercial do Brasil distanciou os dois países do continente americano bilateralmente.

As mudanças políticas ocorridas nos dois países a partir do século XXI contribuíram para um afastamento político entre eles, como salienta Vigevani (2011, p. 17-21):

[...] a intensificação do unilateralismo na administração W. Bush (2001-2008) se fortaleceu nos governos Cardoso e Lula da Silva, particularmente neste último, em que houve interesse por políticas ativas de articulação internacional voltada aos grandes países emergentes.

Na transição para o Governo de Dilma Roussef houveram divergências políticas, devido às denúncias de que a presidente havia sido alvo de espionagem por parte do governo norte americano. Mesmo com esse distanciamento político, a relação bilateral entre os dois países manteve uma tendência crescente e significativa (DESIDERÁ NETO; ALBRES, 2012).

No entanto, o Brasil manteve uma relação de troca deteriorada por conta da desvantagem no setor de bens de capital em relação ao comércio bilateral com os Estados Unidos (ANDRADE; NARETTO; FRANCO, 2010).

3 METODOLOGIA

O presente trabalho possui natureza descritiva e explicativa. Utiliza dados secundários retirados do site do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC), além de artigos e publicações de livros.

Inicialmente, examina-se a evolução do saldo da balança comercial cearense com os Estados Unidos da América através de dados obtidos no site da MDIC/SECEX. Depois, avalia-se a pauta exportadora e importadora das trocas comerciais entre o Estado do Ceará e os EUA pelas seguintes classificações: Atividade econômica (ISIC), grandes atividades econômicas (CGCE) e por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM).

Além disso, foi feita uma análise dos municípios cearenses que possuem relação comercial com os EUA. Por fim, foi analisado o nível de concentração das exportações cearenses destinadas aos EUA. Basicamente todos os dados que serviram para a construção dos gráficos e tabelas foram obtidos no site da MDIC/SECEX. Para facilitar o entendimento na tratativa dos dados foram utilizados tabelas e gráficos, além de interpretações dedutivas. A avaliação foi feita seguindo as três subseções a seguir.

3.1 Avaliação por Atividade Econômica (ISIC)

A partir de 1948 a Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (UNSD) adotou uma referência internacional para a classificação de atividades econômicas, nomeada de *Standard Industrial Classification of All Economic Activities* (ISIC). Diferentemente das classificações internacionais voltadas para o produto, tais como Sistema Harmonizado (SH), Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUICI) e Classificação de Grandes Categorias Econômicas (CGCE - BEC), a ISIC é mais voltada para a atividade produtiva o que torna seu uso mais abrangente e útil para análises do comércio exterior em termos atividade industrial. A adoção da classificação ISIC nas divulgações e dados publicados pela Secretaria de Comércio do Ministério da Economia (SECEX/ME), permite uma maior padronização e comparabilidade com dados estatísticos publicados por outros países, além de se alinhar com os dados do *International Merchandise Trade Statistics* (IMTS), um manual de referência do comércio exterior. Dessa forma, foi preferível utilizar essa classificação, ao invés da classificação por fator agregado.

O nível mais agregado da ISIC divulgada pelas UNSD tem vários agrupamentos, porém, somente alguns níveis foram usados nesse trabalho, que são: Agropecuária; Indústria Extrativa; Indústria de Transformação; e Outros Produtos.

3.2 Avaliação por grandes categorias econômicas

A classificação por Grandes Categorias Econômicas (ou Broad Economic Categories – BEC), foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Tal classificação é utilizada no Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para classificar as grandes categorias de produtos para o Sistema de Contas Nacionais, que são: bens de capital, bens intermediários e bens de consumo. No presente trabalho, além dessas três categorias serão utilizadas as seguintes categorias: Combustíveis e Lubrificantes e Bens Não Especificados Anteriormente.

3.3 Avaliação por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM)

A Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) teve a sua origem em 1995, sendo adotada pelos países membros do Mercosul e baseia-se no Sistema Harmonizado (SH). O NCM segue o modelo de padronização criado pelo SH. Porém, ele exibe 8 dígitos ao invés dos 6 do padrão SH. E os dois últimos algarismos no NCM são específicos para transações comerciais realizadas pelos países do Mercosul. Do ponto de vista contábil a classificação NCM é importante para auxílio no cálculo dos tributos envolvidos nas operações de comércio exterior e de diversos tributos internos, entre outras utilizações. Para os fins desse trabalho, essa classificação permite uma visualização mais detalhada dos tipos de produtos que são transacionados entre a economia cearense e a economia estadunidense.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intercâmbio comercial entre o Ceará e os EUA é significativo dentro do contexto estadual. Segundo o MDIC, as exportações destinadas a este país em 2018 (Último ano da análise do trabalho) representaram 38,9% em relação ao montante das exportações do Estado do Ceará nesse mesmo ano.

A Tabela 1 apresenta a balança comercial entre os Estados Unidos e o Estado do Ceará. Entre 1998 e 2018 houve uma variação positiva de 1.064 US\$ em relação a corrente de comércio (soma das exportações com as importações), havendo alternâncias de acordo com o cenário em que se encontravam as duas economias.

Observa-se ainda na tabela 1 que o saldo da balança comercial foi relativamente positivo no fim dos anos 90 até 2001, e um dos fatores para isso foi a alteração do câmbio fixo para o câmbio flutuante, que tornou o câmbio favorável (MEYER; PAULA, 2009). No entanto, a partir do atentado terrorista de 2001 em Nova York, a desvalorização cambial e a tensão no mercado internacional praticamente zerou o saldo da balança com os EUA, o que resultou no maior declínio da balança durante toda a década, entre 2001 e 2002.

Mesmo as trocas entre os EUA e o Ceará sempre terem sido desvantajosas em termos de valor agregado para o Estado do Ceará, a balança comercial com os EUA se manteve positiva até 2012. O saldo da balança cearense decresceu a partir de 2010 influenciado pelo forte crescimento da atividade de construção civil no Estado, assim como o aumento das importações de combustíveis para atender termoelétricas

e compra de máquinas para concluir a instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) no Estado.

Tabela 1 – Balança comercial (%) cearense com os Estados Unidos (1998-2018)

Ano	Exportação (A) (US\$) (A)	Variação (%)	Importação (B) (US\$) (B)	Variação (%)	Saldo da Balança Comercial (A-B) (US\$)	Variação (%)	Fluxo do Comércio (A+B)
1998	182,6	-	80,7	-	102,0	-	263,3
1999	199,9	0,094	43,8	-0,457	156,0	0,531	243,7
2000	246,0	0,231	59,3	0,353	186,8	0,197	305,3
2001	238,2	-0,032	74,6	0,259	163,6	-0,124	312,9
2002	256,2	0,075	217,6	1,916	38,6	-0,764	473,8
2003	306,6	0,197	83,9	-0,615	222,7	4,772	390,5
2004	287,9	-0,061	73,2	-0,127	214,7	-0,036	361,1
2005	281,7	-0,021	41,0	-0,44	240,8	0,122	322,7
2006	283,3	0,006	90,3	1,205	193,0	-0,198	373,7
2007	319,9	0,129	118,5	0,312	201,4	0,043	438,5
2008	312,3	-0,024	173,9	0,467	138,4	-0,313	486,3
2009	319,4	0,023	64,0	-0,632	255,4	0,846	383,4
2010	375,5	0,176	219,6	2,431	156,0	-0,389	595,1
2011	393,5	0,048	379,2	0,727	14,2	-0,909	772,7
2012	299,0	-0,24	272,8	-0,28	26,2	0,836	571,8
2013	259,4	-0,133	420,4	0,541	-161,0	-7,155	679,7
2014	228,8	-0,118	325,8	-0,225	-97,0	-0,398	554,7
2015	243,7	0,065	136,5	-0,581	107,2	-2,105	380,1
2016	301,6	0,238	255,7	0,874	45,9	-0,572	557,4
2017	421,2	0,397	321,7	0,258	99,5	1,169	742,9
2018	870,7	1,067	456,9	0,42	413,9	3,158	1.327,6

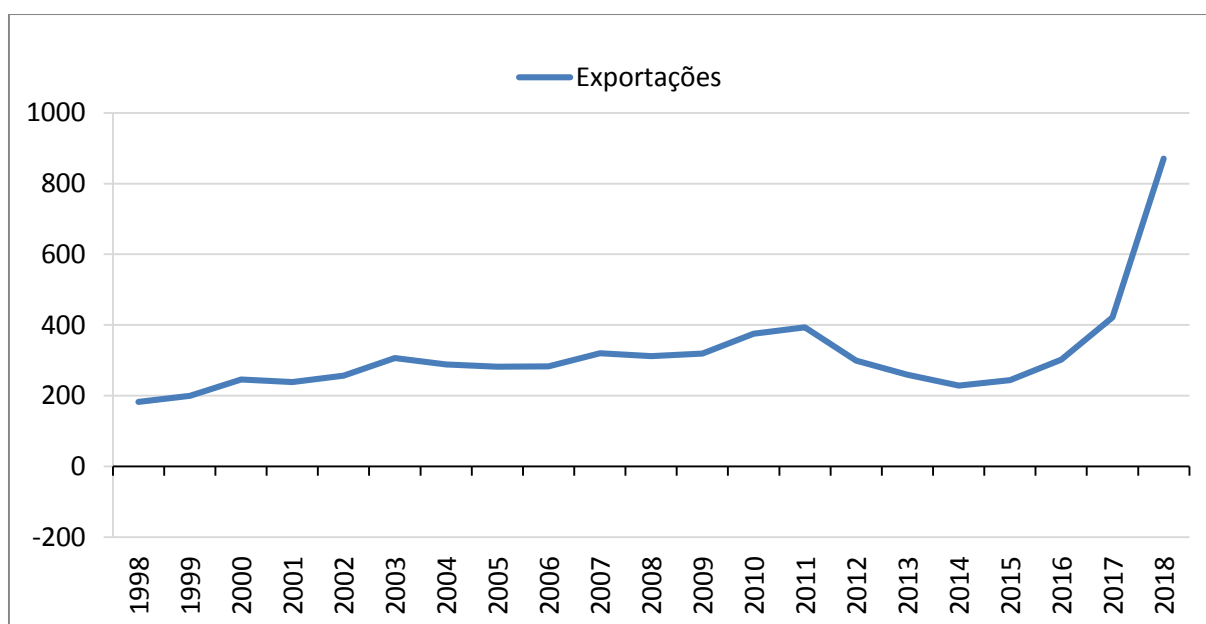
Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Entre 1998 e 2018 houve um crescimento médio de 10% nas exportações, enquanto que nas importações houve um crescimento médio de 28,9%. Mesmo esse percentual de crescimento médio sendo maior nas importações do que nas exportações, se analisarmos o valor bruto dessas variações entre 1998 e 2018, houve

um salto de US\$ 688 nas exportações, enquanto que nas importações oriundas dos EUA houve apenas um salto de US\$ 376, esse crescimento nas importações não fora significativo o bastante para manter os Estados Unidos como principal importador do Ceará em 2018, quando a China passou a ter esse posto (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ, 2019).

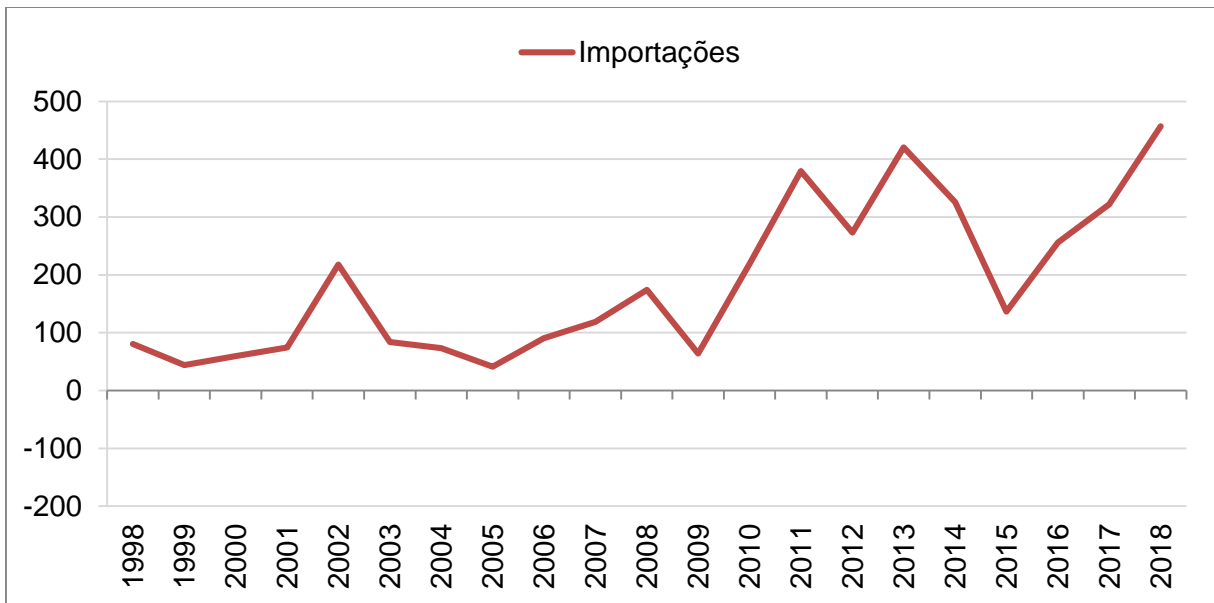
Ao analisarmos o Gráfico 2, vemos que a exportações destinadas aos EUA não seguem uma tendência constante, tendo momentos de elevação expressiva, como em 2000 e 2003, fruto do aumento da diversificação dos mercados consumidores e da elevada utilização da capacidade instalada da indústria cearense (TELES, 2004), e em 2018 quando os Estados Unidos importaram mais de 300 produtos cearenses (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ, 2019), chegando a dobrar suas compras em relação a 2017. Em 2010, o Ceará já dava sinais de recuperação da crise econômica de 2008, quando aumentou 16% as exportações de 2010 em relação a 2009, de acordo com o gráfico 3. Para o país norte americano foi destinado principalmente em 2018, *produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, Castanha de caju e Máquinas e equipamentos*, que contribuiu para um aumento de 106,7% das exportações de 2018 em relação a 2017, maior variação registrada do período.

Gráfico 2 – Variação das Exportações, de 1998 a 2018 (US\$)



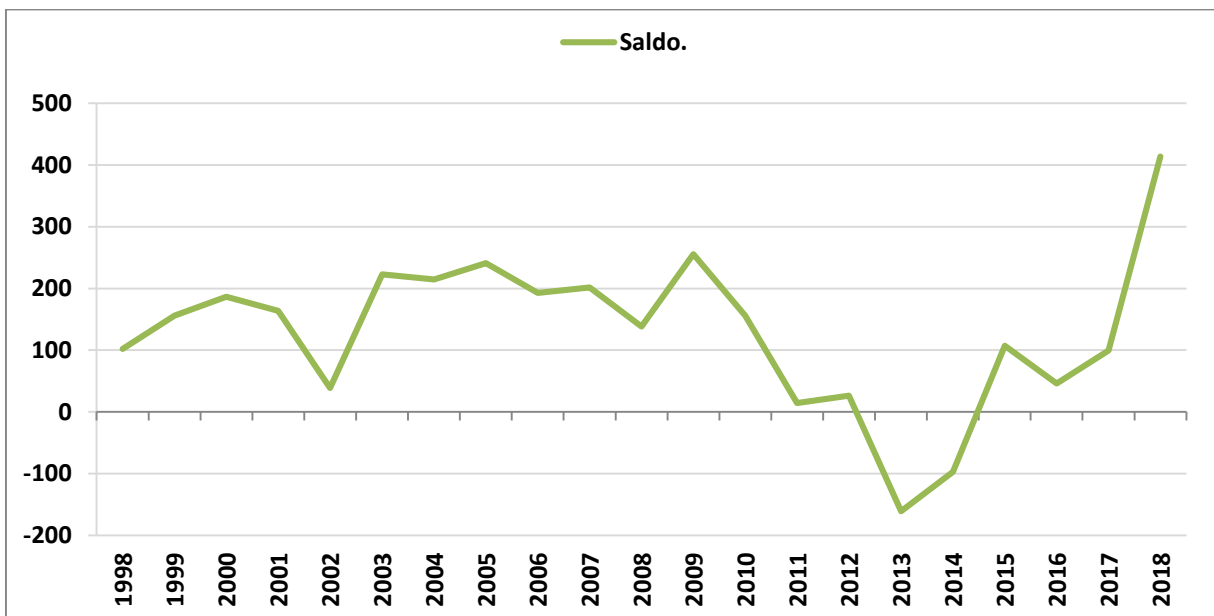
Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Gráfico 3 – Variação das Importações, de 1998 a 2018 (US\$)



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Gráfico 4 – Variação do Saldo da Balança Comercial, de 1998 a 2018 (US\$)



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

No gráfico 3, observa-se que as variações percentuais das importações são bem maiores que as das exportações, aumentando em média 28,9% a.a. As importações sempre foram mais vulneráveis que as exportações tendo declínios e aumentos seguidos em vários anos. Um dos motivos para o aumento expressivo no percentual das importações advindas dos EUA em 2002 foi o aumento da capacidade

de compra das empresas que migraram para o Ceará, atraídas pelos incentivos fiscais ao longo da década passada.

4.1 Avaliação por setor de atividade econômica

A Tabela 2 apresenta a evolução das exportações cearenses destinadas aos Estados Unidos, por atividade econômica (ISIC) em anos selecionados.

Tabela 2 – Exportações Cearenses (Destino EUA) – ISIC – Anos selecionados (%)

ISIC - Atividade Econômica	1998 (%)	2008 (%)	2017 (%)	2018 (%)
Agropecuária	48,64	31,15	12,27	6,38
Indústria de Transformação	51,10	68,85	86,61	93,26
Indústria Extrativa	0,01	0,00	0,51	0,14
Outros Produtos	0,25	0,00	0,61	0,22

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

A atividade agropecuária participava em 48,64% das exportações cearenses para os Estados Unidos, em 1998, reduzindo consideravelmente sua representatividade para 6,38% em 2018. Sabe-se que a atividade agropecuária se concentra na produção de itens de baixo valor agregado e/ou de baixas elasticidades preço e renda da demanda, com participação intensiva do fator trabalho e com poucas transformações ao longo de seu processo produtivo.

Por sua vez, a atividade de transformação nas exportações destinadas aos EUA, passaram de 51,10%, em 1998, para 93,26%, em 2018. Vale ressaltar que a indústria de transformação em 2018 se concentra em produtos semimanufaturados (71,64%), produtos manufaturados (25,43%) e produtos básicos (2,93%), de acordo com o Apêndice C. Revelando que a maior parte dos produtos exportados da principal atividade econômica do Estado são semimanufaturados, ou seja, que ainda vão passar por processamentos até chegar sua forma manufaturada.

Apesar da atividade de transformação ter aumentado consideravelmente de 1998 até 2018 em relação as exportações destinadas para os EUA, isso não significa que aumentou o valor agregado dos produtos cearenses exportados. Nesse caso, a participação dos produtos com menor valor agregado (semimanufaturados) são maiores que os produtos com maior valor agregado (manufaturado), principalmente com a chegada da CSP, especialista na exportação de produtos dessa

categoria (semimanufaturados). Já na atividade da indústria extrativa, a representatividade aumentou modestamente, se comparada com as demais atividades econômicas.

A Tabela 3 apresenta a evolução das importações cearenses oriundas dos Estados Unidos, por atividade econômica (ISIC) em anos selecionados. Os produtos originados da atividade agropecuária representavam 34,8% das importações vindas dos EUA, em 1998, diminuindo sua representatividade consideravelmente para 7,6%, em 2018. Conforme Apêndice C, quase 100% dos produtos da atividade agropecuária são concentrados em produtos básicos, ou seja, produtos intensivos em mão de obra e com baixo valor agregado.

Tabela 3 – Importações Cearenses (Origem EUA) – ISIC – Anos selecionados (%)

ISIC - Atividade Econômica	1998 (%)	2008 (%)	2017 (%)	2018 (%)
Agropecuária	34,80	45,12	16,08	7,61
Indústria de Transformação	64,50	54,67	41,78	39,22
Indústria Extrativa	0,05	0,00	42,04	49,93
Outros Produtos	0,65	0,21	0,10	3,24

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Por sua vez, os produtos originados da atividade de transformação importados dos EUA, reduziram sua participação nas aquisições cearenses, passando de 64,5%, em 1998, para 39,2%, em 2018. Conforme Apêndice D, em 2018, a atividade da indústria de transformação manteve a participação de 90,99% de produtos manufaturados, em relação ao montante importado do Estado do Ceará nesse ano, revelando que boa parte dos produtos importados dos EUA já estavam na sua fase final.

Por fim, chama atenção o aumento da representatividade da participação nas compras de produtos da indústria extrativa norte americana. Houve um salto de 0,05%, em 1998, para 49,9% em 2018. Boa parte do montante de produtos importados da indústria extrativa norte americana em 2018, foi a *Hulha betuminosa*, um combustível bastante utilizado nos altos fornos da CSP.

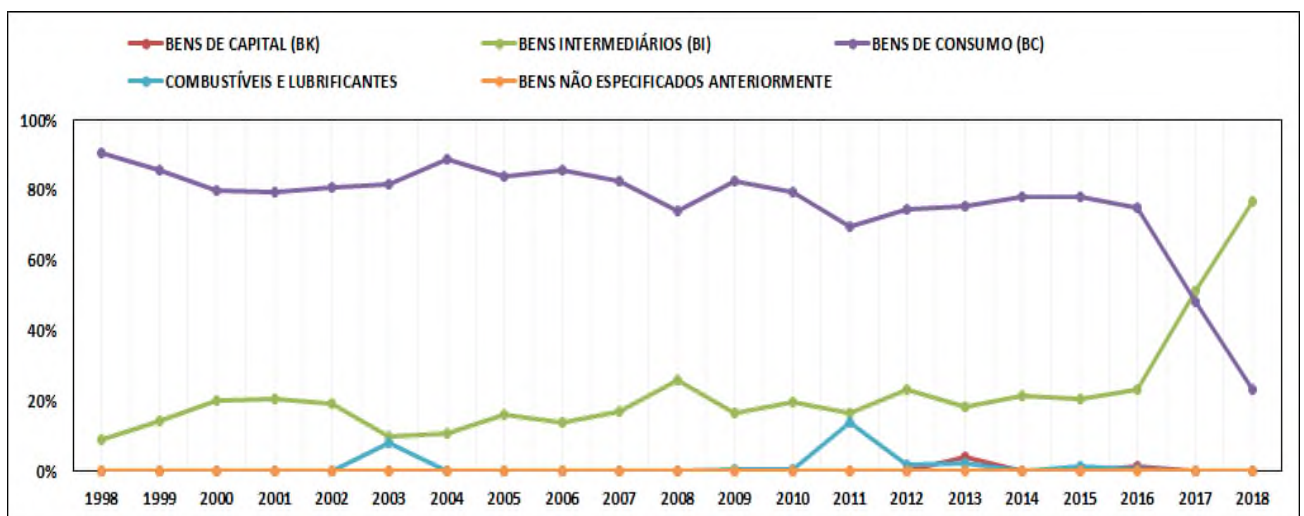
4.2 Avaliação por grandes categorias econômicas

O Gráfico 5 mostra a evolução das exportações cearenses destinadas aos EUA, em termos de uso, isto é, se foram destinados para o consumo direto das famílias ou para setores industriais da economia norte americana. Observa-se que na maior parte dos anos, os bens de consumo detinham a maior participação nas exportações. Em 1998, os bens de consumo representavam 90,8% do montante exportado para os EUA, reduzindo notoriamente para 23,3% em 2018.

Essa redução do nível de exportação dos bens de consumo em 2018, pode parecer distorcida se for feita somente a análise dos valores percentuais. Ao analisarmos os valores numéricos dessa variação, nota-se que o valor monetário exportado de bens de consumo em 2018 manteve-se próximo a média do período estudado (1998-2018), que é de U\$ 222 milhões.

Tal distorção ocorre, pois, entre 2016 e 2018, as exportações dos bens intermediários se elevaram em 207%, dentro deste período, chegando a um montante de U\$ 667 milhões em 2018, com isso seu valor percentual da participação da pauta exportadora subiu para 76,6%. Portanto, não foram os bens de consumo que reduziram sua participação, em termos de valores monetários, nas exportações em 2018, mas os bens intermediários que aumentaram significativamente nos dois últimos anos da série, por conta dos produtos intermediários fabricados pela CSP.

Gráfico 5 – Evolução da participação nas exportações cearenses por grupos de uso dos produtos (Destino EUA) - 1998 a 2018 (%)

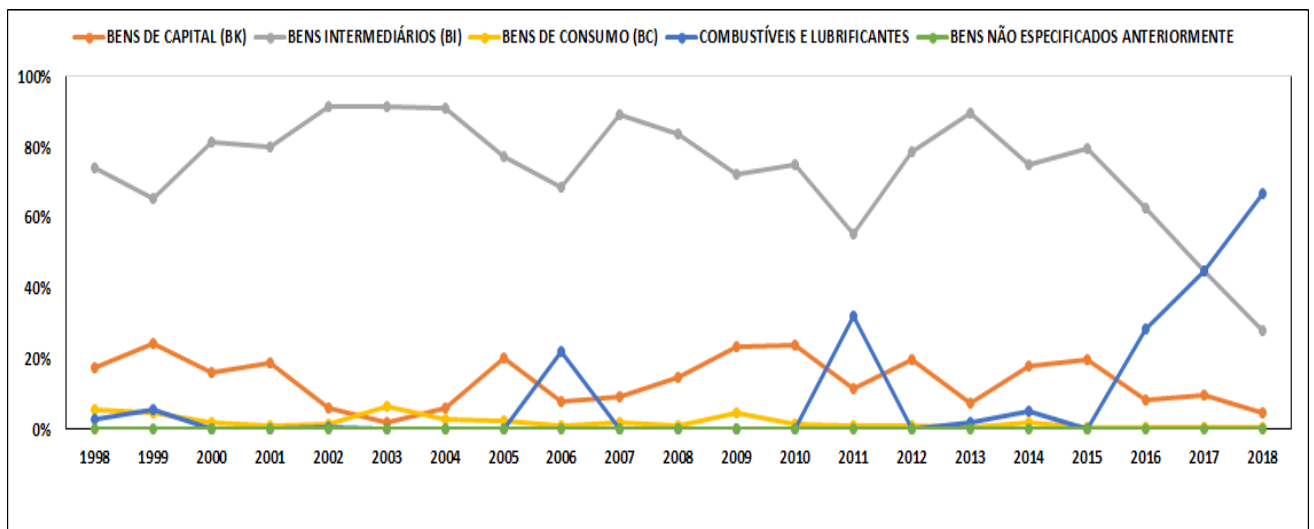


Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

O Gráfico 6 mostra a evolução das importações cearenses vindas dos EUA, entre 1998 e 2018. Nota-se que na maior parte dos anos os bens intermediários foram os mais demandados. A importação desse grupo chegou ao seu ápice em 2002 (91,4%) e 2003 (91,4%), registrando menor participação em 2018 (27,9%). Os destaques dos bens intermediários mais importados dos EUA são o trigo, que é insumo para a importante indústria de massas do Estado; o algodão, usado na forte indústria têxtil do Estado; o coque de petróleo não calcinado e o betume de petróleo, muito usado nos processos siderúrgicos da CSP.

Em 2015, houve um aumento significativo da participação dos Combustíveis e Lubrificantes, passando a ser o principal grupo de produto importado dos EUA a partir de 2018. Sendo os principais produtos importados dessa classe, o gás natural liquefeito, material destinado, principalmente, à usina termelétrica do Pecém e às fábricas de Maracanaú; Além da Hulha Betuminosa, muito utilizado na indústria siderúrgica local.

Gráfico 6 – Evolução da participação nas importações cearenses por grupos de uso dos produtos (Oriundos dos EUA) - 1998 a 2018 (%)



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

4.3 Principais municípios exportadores

Em relação aos municípios cearenses exportadores, com destino aos Estados Unidos, constatou-se que as exportações foram bastante concentradas nos anos selecionados. De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio (MDIC/SECEX) que estão resumidos no Apêndice A, dos 184

municípios dos Estados, em 1998, apenas 11 desses municípios participaram acima de 1% da pauta. Seguido por 15 municípios, em 2008, e por 12 municípios em 2018.

Em 1998, a participação conjunta dos cinco municípios mais participativos da pauta exportadora representou 73,51% do montante exportado para os EUA. Com destaque para os seguintes produtos exportados: *Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões/Calçados, polainas e artefatos semelhantes e Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos.*

Os municípios com maior participação nas exportações do Estado em 1998 foram Fortaleza (47,47%), Canindé (7,73%) e Caucaia (7,10%). Por sua vez, em 2008, a participação conjunta dos cinco municípios mais participativos da pauta exportadora representaram 66,54% do montante exportado para os EUA, mostrando uma menor concentração entre os municípios exportadores. Nesse ano os municípios com maior participação nas exportações do Estado foram Fortaleza (30,77%), Cascavel (14,08%) e Sobral (8,41%). Os produtos em destaque em 2008 foram os mesmos de 1998, com ressalva do *Ferro fundido, ferro e aço e Vidro e suas obras*, que tiveram uma participação mais expressiva.

Por fim, no último ano verificado, a participação conjunta dos cinco municípios mais participativos da pauta exportadora, representaram 83,43% do montante exportado para os EUA, revelando a maior concentração dentre os anos selecionados. Muito por conta da siderúrgica atuante no município de São Gonçalo do Amarante. Esse município individualmente concentrou 63,44% do total exportado em 2018 para os EUA. Nesse ano os municípios com maior participação nas exportações do Estado foram São Gonçalo do Amarante (63,44%), Caucaia (6,88%) e Fortaleza (6,53%), revelando representatividade bem menor da capital cearense, que nos anos anteriores da série liderava no quesito exportação para os EUA.

4.4 Avaliação por Nomenclatura Comum do Mercosul

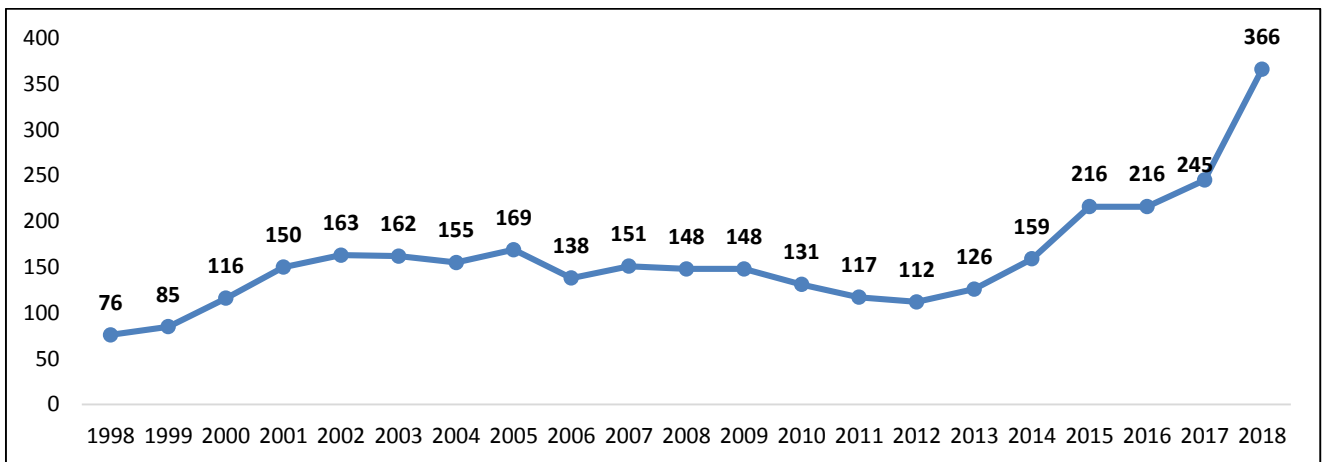
Buscando analisar as trocas comerciais entre o Estado do Ceará e os EUA de forma mais detalhada, foi usada a classificação por NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul). A Nomenclatura Comum do Mercosul teve a sua origem em 1995, sendo adotada pelos países membros do Mercosul e baseia-se no Sistema Harmonizado.

O Gráfico 7 apresenta a evolução do número de produtos que participaram da pauta exportadora cearense, com destino para os EUA de 1998 a 2018. Observa-se

que em 1998, o número de produtos exportados foi somente de 76, menor valor da série, terminando o ano de 2018 com um número de produtos 4,86 maior do que em 1998.

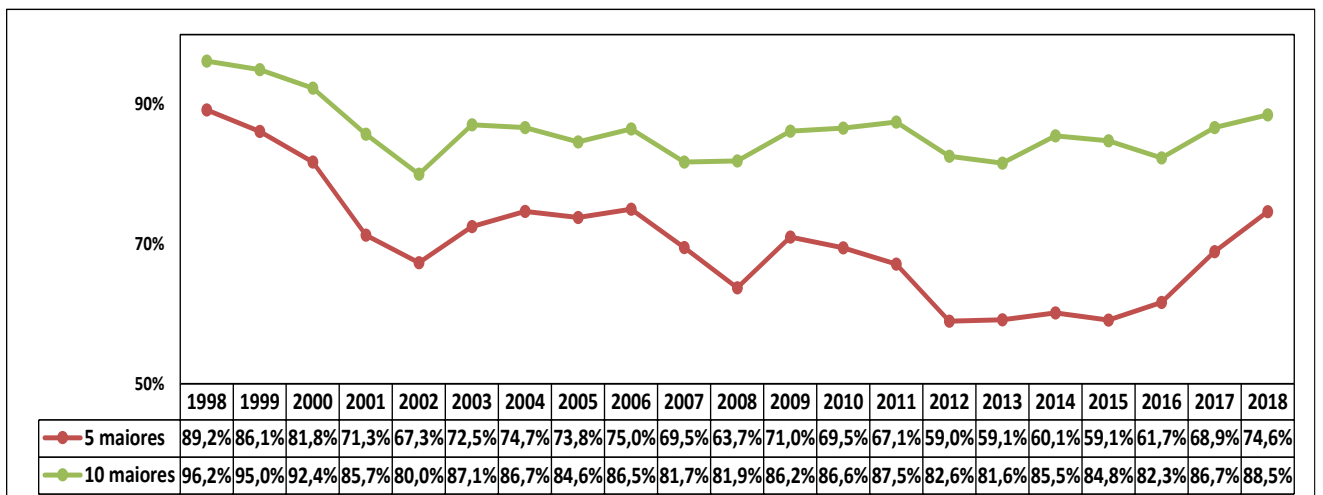
Isso mostra que houve uma diversificação dos produtos exportados para os Estados Unidos nesse período. Observa-se dois períodos de diversificação da pauta exportadora cearense. O primeiro ocorre de 1998 a 2002, quando o número de produtos salta de 76 para 163, e o segundo de 2012 até 2018, quando ocorre uma nova diversificação, saltando de 112 para 366 produtos.

Gráfico 7 – Evolução do número de produtos (NCM) participantes da pauta de exportações cearenses (Destino EUA) - 1998 a 2018



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Gráfico 8 – Evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) participantes da pauta de exportações cearenses em cada ano - 1998 a 2018 (%) (Destino EUA)



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

No Gráfico 8 é exibida a evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) da pauta exportadora cearense, com destino aos EUA, de 1998 a 2018. O objetivo do gráfico é revelar possíveis concentrações de determinados produtos na pauta exportadora. A participação conjunta dos cinco principais produtos oscilou significativamente ao longo da série. Em 1998 havia uma forte concentração desses produtos, respondendo por 89,2% da pauta exportadora cearense com destino a potência norte americana. Essa concentração ficou na casa dos 80% até o ano 2000, principalmente em função da venda dos seguintes produtos: *Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca, Outros calçados de couro natural e Lagostas (palinurus, panulirus e jасus) congeladas*. A medida que a pauta foi se diversificando no estado, como foi mostrado no Gráfico 5, a concentração foi diminuindo ao longo dos anos. A participação conjunta dos dez principais produtos caiu de 96,2%, em 1998, para 88,5% em 2018. Isso revela uma desconcentração menor em relação ao outro grupo da série.

Por conseguinte, a Tabela 4 apresenta o valor e o percentual dos produtos cearenses exportados para os EUA, classificados por NCM, nos quais estiveram nas dez primeiras posições nos anos selecionados. Dentro do grupo daqueles que perderam importância, ou seja, que reduziram o percentual de participação na pauta entre 1998 a 2018, estão: *Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca*, que era o principal produto exportado para os EUA em 1998, reduzindo sua participação na pauta de 48,61%, em 1998, para 5,75%, em 2018; *Outros calçados de couro natural*, que em 1998 era o segundo produto mais exportado para os EUA, e em 2018 deixou de ser exportado para esse país. O mesmo ocorreu com *Lagostas (palinurus, panulirus e jасus) congeladas*, que era o terceiro produto mais exportado da pauta em 1998, e em 2018 deixou de ser exportado.

Tabela 4 – Evolução do valor das exportações cearenses por produtos (NCM) que estiveram em alguma das dez principais posições nos anos selecionados (Destino EUA) (US\$ Milhões FOB)

Descrição NCM	1998		2008		2018	
	Valor	Part(%)	Valor	Part(%)	Valor	Part(%)
Água de coco (Cocos nucifera) com valor Brix não superior a 7,4	0,00	0,00%	0,00	0,00%	29,73	3,41%

Barcos a motor, exceto com motor fora-de-borda	0,00	1,09%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias, fixados à sola por pregos, tachas, pinos e semelhantes	5,89	3,22%	23,21	7,43%	3,35	0,39%
Camarões congelados	1,64	0,90%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	88,78	48,61%	91,15	29,18%	50,07	5,75%
Ceras vegetais	9,29	5,09%	11,61	3,72%	18,36	2,11%
Lagostas (palinurus, panulirus e jасus) congeladas	29,37	16,08%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outras lagostas (Palinurus spp., Panulirus spp., Jasus spp.), congeladas, exceto as inteiras	0,00	0,00%	27,07	8,67%	24,47	2,81%
Outras obras de couro natural ou reconstituído	0,00	0,00%	17,75	5,68%	0,00	0,00%
Outros calçados de borracha ou plástico	1,22	0,67%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outros calçados de couro natural	29,62	16,21%	0,06	0,02%	0,00	0,00%
Outros calçados impermeáveis de borracha/plástico, sem costura	3,69	2,02%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural	0,00	0,00%	37,28	11,94%	28,57	3,28%
Outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), divididos, com o lado flor	0,00	0,00%	0,96	0,31%	19,66	2,26%
Outros couros e peles inteiros, de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos	0,00	0,00%	7,94	2,54%	8,39	0,96%
Outros couros e peles, de bovinos, preparados	0,00	0,00%	20,32	6,50%	0,00	0,00%
Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular, que contenham, em peso, menos de 0,25 % de carbono	0,00	0,00%	0,00	0,00%	473,99	54,43%
Outros sucos e extratos vegetais	0,00	0,00%	5,89	1,88%	0,81	0,09%
Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc.	0,00	0,00%	0,00	0,00%	47,68	5,48%
Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, que contenham, em peso, 0,25 % ou mais de carbono	0,00	0,00%	0,00	0,00%	39,02	4,48%
Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços	0,00	0,00%	0,00	0,00%	39,00	4,48%
Sucos de outras frutas, produtos hortícolas, não fermentados	0,46	0,25%	13,64	4,37%	0,00	0,00%
Sucos e extratos, de outros vegetais	4,21	2,30%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Produtos Selecionados		96,44%		82,24%		89,93%
Demais Produtos		3,56%		17,76%		10,07%
Total		100,00%		100,00%		100,00%

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Dando sequência aos produtos que perderam representatividade, têm-se:
Calçados de borracha ou plásticos, com parte superior em tiras ou correias, fixados à

sola por pregos, tachas, pinos e semelhantes, que reduziu 7,04% entre 2008 e 2018; *Outros calçados sola exterior borracha/plástico, de couro/natural*, reduziu 8,65% entre 2008 e 2018; E por fim, *Outros couros e peles, de bovinos, preparados* e *Outras obras de couro natural ou reconstituído* que tinham os percentuais de 6,50% e 5,68%, respectivamente em 2008, e em 2018 deixaram de ser exportados para os EUA.

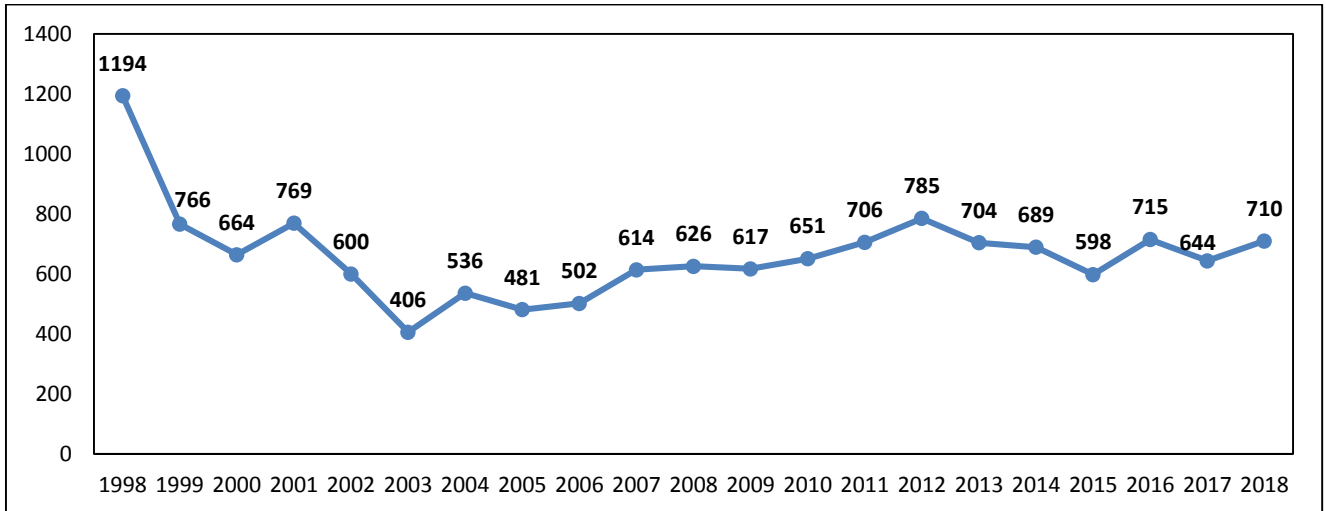
Por outro lado, seguem produtos que ganharam importância: *Água de coco (Cocos nucifera) com valor Brix não superior a 7,4*, que não era produzido nos dois primeiros anos da série, e no último ano participou 3,41% da pauta exportadora; *Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular, que contenham, em peso, menos de 0,25 % de carbono*, também não era produzido nos dois primeiros anos da série, e no último ano tornou-se o principal produto da pauta; E por fim, os produtos (*Partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores, etc & Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, que contenham, em peso, 0,25 % ou mais de carbono e Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços*), tiveram o mesmo padrão que os citados acima, ou seja, não eram produzidos em 1998 e 2008, no entanto passaram a ter um percentual representativo na pauta exportadora em 2018, representando uma reestruturação da pauta exportadora ao longo dos anos.

4.5 Principais Produtos Importados Cearenses (NCM)

O Gráfico 9 apresenta a evolução do número de produtos (NCM) que participaram da pauta importadora cearense, com destino para os EUA de 1998 a 2018.

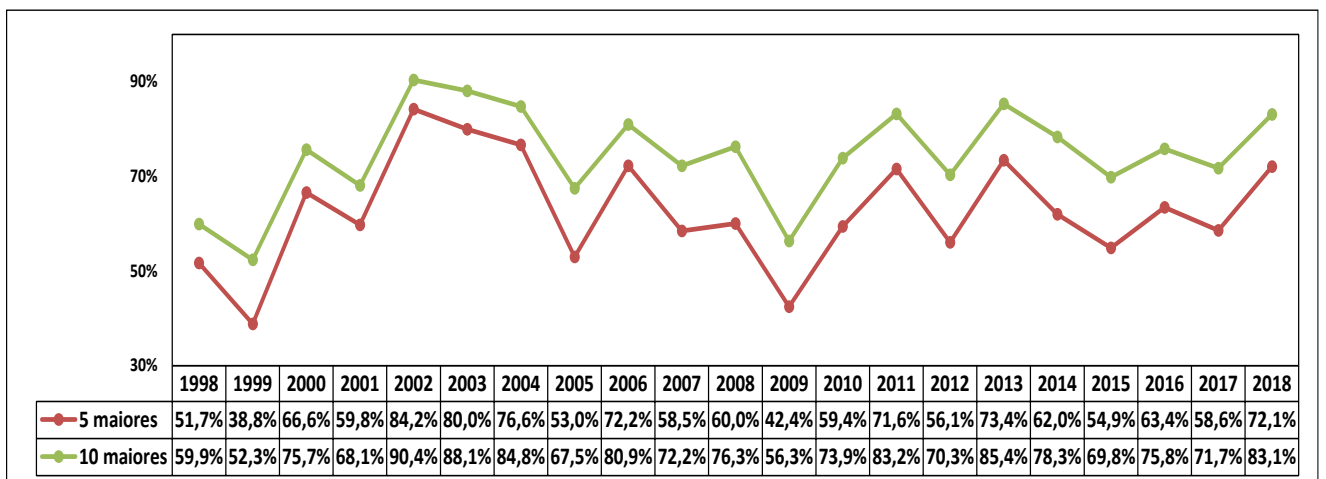
Observa-se que a pauta de importação cearense no período selecionado tomou caminho inverso da pauta exportadora. Enquanto a última pauta registrou um número crescente de produtos exportados durante os anos, a pauta importadora registrou um número decrescente de produtos no decorrer dos anos. Em 1998, o número de produtos importados dos Estados Unidos era de 1.194, maior valor registrado na amostra, e no ano de 2003 registrou somente 406 produtos importados, a menor quantidade registrada na série. A pauta teve 710 produtos no último ano da série, ou seja, um valor bem abaixo do que foi registrado no primeiro ano da série, mostrando que a economia cearense diminuiu a dependência das importações norte americanas com o decorrer dos anos.

Gráfico 9 – Evolução do número de produtos (NCM) participantes da pauta de importações cearenses (oriundos dos EUA) - 1998 a 2018



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Gráfico 10 – Evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) participantes da pauta de importações cearenses em cada ano - 1998 a 2018 (%) (Oriundos dos EUA)



Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

No Gráfico 10 é exibida a evolução da participação conjunta dos cinco e dez principais produtos (NCM) da pauta importadora cearense, oriundas dos EUA, em 1998, 2008 e 2018. A participação conjunta dos cinco principais produtos oscilou significativamente ao longo da série, alcançando um máximo de 84,2% da pauta, em 2002, e um mínimo de 38,8% em 1999. A faixa dos dez maiores produtos importados também apresentou oscilação, seguindo praticamente a mesma tendência da faixa dos cinco produtos mais importados dos EUA.

A Tabela 5 abaixo apresenta o valor e o percentual dos produtos cearenses importados dos EUA, classificados por NCM, nos quais estiveram nas dez primeiras posições nos anos selecionados. Dentro do grupo mais representativo daqueles que perderam importância, ou seja, que reduziram o percentual de participação na pauta entre 1998 a 2018, estão: *Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado*, que reduziu de 10,48%, em 1998, para 0,04% em 2018; *Outros tipos de algodão não cardado nem penteado*, que reduziu de 24,09%, em 1998, para 1,98% em 2018; *Partes de outras turbinas a gás*, no qual teve uma redução de 2,65% entre 2008 e 2018.

Tabela 5 – Evolução do valor das importações cearenses por produtos (NCM) que estiveram em alguma das dez principais posições nos anos selecionados (Origem EUA) (US\$ Milhões FOB)

Descrição NCM	1998		2008		2018	
	Valor	Part(%)	Valor	Part(%)	Valor	Part(%)
Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado	8,46	10,48%	7,01	4,03%	0,18	0,04%
Aparelhos de diagnóstico por visualização de ressonância magnética	1,16	1,43%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Aviões e outros veículos aéreos, a turbojato, de peso inferior ou igual a 7.000 kg, vazios	0,00	0,00%	12,46	7,16%	0,00	0,00%
Chapas de ligas alumínio, 0.2 mm < espessura <= 0.3mm, largura >= 1450 mm, envernizadas	1,66	2,06%	13,26	7,62%	0,00	0,00%
Coque de petróleo não calcinado	0,00	0,00%	7,07	4,07%	15,07	3,30%
Fibras de poliésteres, não cardadas, não penteadas nem transformadas de outro modo para fiação	5,67	7,03%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Gás natural liquefeito	0,00	0,00%	0,00	0,00%	37,91	8,30%
Gasóleo (óleo diesel)	0,00	0,00%	0,00	0,00%	42,55	9,31%
Hulha betuminosa, não aglomerada	0,00	0,00%	0,00	0,00%	190,20	41,63%
Outras fibras artificiais descontínuas, não cardadas, etc	1,31	1,63%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outras gasolinas, exceto para aviação	0,00	0,00%	0,00	0,00%	33,33	7,29%
Outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga, etc.	0,62	0,77%	0,00	0,00%	7,28	1,59%
Outros aviões e outros veículos aéreos, de peso superior a 15.000 kg, vazios	0,00	0,00%	3,49	2,01%	0,00	0,00%
Outros desperdícios e resíduos de ferro ou aço	0,00	0,00%	0,00	0,00%	13,08	2,86%

Outros grupos eletrogêneos de motor de pistão, de ignição por centelha (motor de explosão), de corrente alternada	1,31	1,62%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outros poliésteres em formas primárias	3,52	4,36%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado, de largura igual ou superior a 600 mm, não folheados ou chapeados, nem revestidos, em rolos, simplesmente laminados a quente, de espessura inferior a 3 mm	0,00	0,00%	6,02	3,46%	0,00	0,00%
Outros tipos de algodão não cardado nem penteado	19,44	24,09%	22,02	12,66%	9,04	1,98%
Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura	0,00	0,00%	0,00	0,00%	25,18	5,51%
Papel de jornal, em rolos ou em folhas, de peso inferior ou igual a 57 g/m ² , em que 65 % ou mais, em peso, do conteúdo total de fibras seja constituído por fibras de madeiras obtidas por processo mecânico	4,62	5,73%	0,05	0,03%	0,00	0,00%
Partes de outras turbinas a gás	0,00	0,00%	4,67	2,68%	0,15	0,03%
Poli(cloreto de vinila), não misturado com outras substâncias, obtido por processo de suspensão	0,00	0,00%	7,30	4,20%	0,00	0,00%
Querosenes de aviação	1,19	1,47%	0,00	0,00%	0,00	0,00%
Resinas epóxicas sem carga, em líquido e pastas	0,00	0,00%	0,00	0,00%	6,09	1,33%
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio	0,00	0,00%	49,33	28,36%	0,00	0,00%
Produtos Selecionados		60,68%		76,29%		83,18%
Demais Produtos		39,32%		23,71%		16,82%
Total		100,00%		100,00%		100,00%

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

Dando sequência aos produtos que perderam representatividade. Dentre os que se destacavam na pauta importadora de 1998 e deixaram de ser importados em 2018, estão: *Aparelhos de diagnóstico por visualização de ressonância magnética; Fibras de poliésteres, não cardadas, não penteadas nem transformadas de outro modo para fiação; Outras fibras artificiais descontínuas, não cardadas, etc; Outros grupos eletrogêneos de motor de pistão, de ignição por centelha (motor de explosão), de corrente alternada; Outros poliésteres em formas primárias; Papel de jornal, em rolos ou em folhas, de peso inferior ou igual a 57 g/m², em que 65 % ou mais, em peso, do conteúdo total de fibras seja constituído por fibras de madeiras obtidas por processo mecânico; Querosenes de aviação.* E ainda, os produtos que se destacavam

na pauta importadora de 2008 e deixaram de ser importados em 2018, estão: *Aviões e outros veículos aéreos, a turbojato, de peso inferior ou igual a 7.000 kg, vazios; Outros aviões e outros veículos aéreos, de peso superior a 15.000 kg, vazios; Outros produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado, de largura igual ou superior a 600 mm, não folheados ou chapeados, nem revestidos, em rolos, simplesmente laminados a quente, de espessura inferior a 3 mm; Partes de outras turbinas a gás; Poli(cloreto de vinila), não misturado com outras substâncias, obtido por processo de suspensão; Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio.*

Na sequência, segue uma lista de produtos que não foram importados em 1998 e/ou 2008 e passaram a estar entre os principais produtos da pauta de importações cearenses 2018: *Coque de petróleo não calcinado* (Compôs em 3,30% a pauta de 2018); *Gás natural liquefeito* (Compôs em 8,30% a pauta de 2018); *Gasóleo (óleo diesel)* (Compôs em 9,31% a pauta de 2018); *Hulha betuminosa, não aglomerada* (Compôs em 41,63% a pauta de 2018); *Outras gasolinas, exceto para aviação* (Compôs em 7,29% a pauta de 2018); *Outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga, etc.* (Compôs em 1,59% a pauta de 2018); *Outros desperdícios e resíduos de ferro ou aço* (Compôs em 2,86% a pauta de 2018); *Outros trigos e misturas de trigo com centeio, exceto para semeadura* (Compôs em 5,51% a pauta de 2018); *Resinas epóxicas sem carga, em líquido e pastas* (Compôs em 1,33% a pauta de 2018). Dentre os dez principais produtos importados dos EUA em 2018, oito deles não faziam parte da pauta de 1998, revelando uma reestruturação da pauta das importações cearenses oriundas dos EUA. Os produtos mais representativos da pauta importadora em 1998 serviam, em sua grande maioria, para indústrias produtoras de bens com menor valor agregado, como a indústria têxtil, diferente dos produtos importados em 2018, que serviam de insumo para indústrias de produtos com maior valor agregado.

4.6 Nível de concentração das exportações cearenses destinadas aos EUA

Historicamente, os EUA são os maiores parceiros comerciais do Ceará. De acordo com as evidências mostradas na Tabela 6, em 1998 e 2003, por exemplo, a participação das exportações destinadas aos EUA na pauta cearense ficou entre 40% e 54%. Em seguida, nos anos de 2004 a 2012 se retraiu para a faixa entre 34% e 24%. Entre 2013 e 2017, essa participação caiu para a faixa entre 23% e 16%. Por

fim, em 2018, os EUA ainda detiveram a maior participação na pauta exportadora, com 37%. Diante disso, é visível a forte dependência das exportações cearenses em relação aos EUA, que chegou a participar em 16% na pauta em 2014, e nos últimos anos veio ganhando importância novamente na pauta cearense.

Para verificar quais os motivos da variação da concentração das exportações cearenses para os EUA nos últimos anos, é necessário entender se o destino das exportações se deu principalmente na direção dos países com menor participação acompanhado da inclusão de novos destinos ou se houve movimento da participação do próprio EUA. Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2020), em 1998, dos 93 países destinos das exportações cearenses, apenas 19 apresentavam participação acima de 0,5% e os outros 74 com participação abaixo de 0,5%. Já em 2018, o número de países destino com participação acima de 0,5% da pauta aumentou para 22 países, enquanto que o número de países com menos de 0,5% de participação na pauta aumentou expressivamente passando para 130 países.

Dessa forma, é lógico afirmar que a diversificação dos destinos das exportações cearenses se deu na direção de países com menor participação na pauta entre os anos de 1998 e 2018, além disso houve aumento do número de países destinos no mesmo período. Tais fatos influenciaram na desconcentração das exportações cearenses, porém é necessário verificar as mudanças na participação individual dentro do grupo dos cinco principais países participantes da pauta de exportações cearenses, grupo no qual os EUA sempre esteve incluso entre 1998 e 2018.

Na sequência, a Tabela 6 apresenta um comparativo da evolução da participação conjunta dos cinco principais destinos das exportações cearenses com a evolução da participação conjunta dos demais países na pauta de exportações cearenses. Nota-se que em 1998, os primeiros cinco países respondiam conjuntamente por 75,3% das vendas externas cearense, mostrando uma pauta bastante concentrada, tendo a representatividade de mais de 51% nos EUA.

Observa-se uma redução expressiva da participação conjunta desses países até entre 1998 e 2015, chegando a ter uma participação conjunta de 48% nesse último ano, ou seja, houve uma perda de participação de 27,4% entre 1998 e 2015. O principal fator determinante para isso, como observa-se na tabela, foi a perda de participação das vendas para os EUA, que passou de 51,4%, em 1998, para 23,3%,

em 2015. Além disso, houve incremento de 27,4% no percentual dos demais países entre 1998 e 2015. Nos anos de 2014 e 2015, quando os EUA tiveram a menor participação na pauta cearense, a participação dos demais países foi a maior da série.

Tabela 6 – Comparativo da evolução da participação dos principais países de destino das exportações cearenses - 1998 a 2018 (%)

Ano	Valor das Exportações	EUA (%)	2º Maior (%)	3º Maior (%)	4º Maior (%)	5º Maior (%)	Participação Conjunta - 5 Maiores (%)	Demais Países (%)
1998	354.850.395	51,5	14,1	3,8	3,1	2,8	75,3	24,7
1999	370.812.315	53,9	11,2	3,0	3,0	2,5	73,6	26,4
2000	494.800.400	49,7	9,1	5,3	3,1	2,6	69,8	30,2
2001	526.163.025	45,3	7,7	7,4	4,5	2,6	67,4	32,6
2002	542.933.555	47,2	5,9	5,6	3,9	3,2	65,8	34,2
2003	760.635.154	40,3	6,1	5,7	4,9	4,8	61,8	38,2
2004	858.463.903	33,5	7,4	6,3	5,0	4,6	56,9	43,1
2005	929.663.085	30,3	9,0	6,0	5,6	4,2	55,1	44,9
2006	955.813.113	29,6	10,0	7,4	5,3	5,3	57,6	42,4
2007	1.145.625.098	27,9	10,2	8,5	6,2	5,1	58,0	42,0
2008	1.274.387.295	24,5	9,3	9,1	7,9	6,8	57,6	42,4
2009	1.077.670.757	29,6	10,0	8,2	6,4	4,6	58,8	41,2
2010	1.267.412.168	29,6	9,8	9,5	5,4	5,2	59,5	40,5
2011	1.400.888.737	28,1	10,3	6,4	6,1	4,9	55,8	44,2
2012	1.263.900.256	23,7	9,1	8,4	5,3	4,5	50,9	49,1
2013	1.419.546.846	18,3	9,4	8,1	7,2	5,8	48,8	51,2
2014	1.469.706.255	15,6	15,3	7,8	4,5	4,4	47,6	52,4
2015	1.044.240.550	23,3	7,9	5,9	5,7	5,0	48,0	52,0
2016	1.294.102.035	23,3	9,2	7,1	5,3	4,4%	49,3	50,7
2017	2.102.137.332	20,0	13,0	8,9	5,9	4,8%	52,6	47,4
2018	2.342.078.347	37,2	7,7	6,1	6,0	4,1%	61,1	38,9

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou identificar os principais aspectos da economia cearense com o seu parceiro comercial mais representativo, os Estados Unidos. O desempenho comercial cearense nas trocas com os nortes americanos foi melhorando ao longo do período estudado devido a um elemento central: Políticas de incentivos do governo do Estado na indústria local. Tais medidas atraíram indústrias para a região metropolitana tornando os produtos cearenses mais competitivos no mercado mundial.

O Estado do Ceará entre 1998 e 2018 teve balança com superávit em relação aos Estados Unidos praticamente em todos os anos, exceto em 2013 e 2014. O saldo da balança diminuiu a partir dos anos de 2010, por conta forte crescimento da atividade de construção civil no Estado, e do aumento das importações de combustíveis para atender termoelétricas e compra de máquinas para concluir a instalação da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) no Estado.

Até meados da década de 2010, a balança comercial se manteve positiva por conta de produtos com baixo valor agregado, tais como: Calçados, lagostas, peixes e castanha de caju. A partir de 2016 o fluxo de comércio com os Estados Unidos aumentou consideravelmente, por conta da instalação da primeira siderúrgica integrada do nordeste. Em 2018, o saldo da balança comercial dobrou em relação a 2017 impactado pelas exportações da CSP.

A análise por setor de atividade econômica no trabalho mostrou mais a fundo que a instalação da CSP, mudou a dinâmica das trocas com os nortes americanos nos últimos anos. Isso é constatado pelo fato dos produtos originados da atividade de transformação representaram 93,26% do total destinado aos EUA em 2018, revelando uma mudança de foco na produção da economia local ao longo dos anos, substituindo produtos agrícolas, com menor valor agregado para produtos semimanufaturados, com maior valor agregado, produzidos principalmente pela CSP.

Na pauta importadora, houve um salto enorme na demanda de produtos da indústria extrativa norte americana, muito por conta da necessidade do combustível vegetal (Hulha betuminosa) utilizado nos altos fornos da CSP, além do gás natural liquefeito. A análise por grande categorias econômicas segue a mesma dinâmica que a análise por setor de atividade econômica, mostrando que os bens intermediários foram os mais exportados para a potência norte americana nos últimos anos, sendo

estes representados em sua grande maioria pelos produtos produzidos pela CSP. Além disso, os produtos mais representativos na pauta importadora se classificam como combustível e lubrificantes, insumos importantes nas operações da siderúrgica.

As exportações do Estado estiveram por muito tempo dependentes à demanda dos Estados Unidos, principal parceiro comercial até o último ano da série estudada no trabalho. Mesmo com tal dependência, nos últimos anos o Ceará diversificou o destino das suas exportações, e deu mais abertura aos produtos oriundos de outros países, principalmente da China, seguindo uma tendência nacional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I. DE O.; NARETTO, N. DE A.; FRANCO, L. G. A. Relações comerciais e cooperação econômica entre o Brasil e os Estados Unidos nos anos 2000. In: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Boletim de economia e política internacional/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais. Brasília: Ipea, 2010. p. 13-29.

AVERBUG, A. **Abertura e Integração Comercial Brasileira na década de 90**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 1999.

Disponível em:

https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/12695/1/A%20Economia%20Brasileira%20nos%20Anos%2090_Abertura%20e%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20Comercial%20Brasileira%20na%20D%C3%A9cada%20de%2090_P_BD.pdf. Acesso em 10 ago. 2020.

COUTINHO, E. S. *et al.* De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 101-113, out./dez. 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/133494555/De-Smith-a-Porter-Um-ensaio-sobre-as-teorias-de-comercio-exterior>. Acesso em 10 ago. 2020.

CUNHA, A. M.; PRATES, D. M.; BICHARA, J da S. O efeito-contágio da crise financeira global nos países emergentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 2009, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: PUC, 2009. p. 1-23. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2006/cristinamelo.pdf>. Acesso em 10 ago. 2020.

DESIDERÁ NETO, W. A.; ALBRES, H. M. Relações Brasil-Estados Unidos no governo Dilma: a agenda das visitas presidenciais oficiais em 2011 e 2012. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, n. 11, p. 77-88, 2012. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15694&Itemid=4. Acesso em 10 ago. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Informe nº 73**. Desempenho do Comércio Exterior Cearense em 2013. Fortaleza: Ipece, 2014.

_____. **Informe nº 145**. Desempenho do Comércio Exterior do Ceará em 2018.

Fortaleza: Ipece, 2019. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/02/ipece_informe_145_05_Jan2019-1.pdf. Acesso em 10 ago. 2020.

_____. **Informe nº 167**. Fatores Determinantes do Movimento de Desconcentração e da Retomada da Concentração na Pauta de Exportações Cearenses por Destinos no Período de 1997 a 2019. Fortaleza: Ipece, 2020. Disponível em:

https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/01/ipece_informe_167_30_jan2020.pdf. Acesso em 10 ago. 2020.

MALUF, S. N. **Administrando o Comércio Exterior do Brasil**. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

MELO, M. C. P. Comércio exterior do Estado do Ceará no período recente: expansão quantitativa ou diferenciada? In: ENCONTRO DA ECONOMIA DO CEARÁ, 2., 2006, Ceará. **Anais [...]** Fortaleza: IPECE, 2006. p. 1-20. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/2006/cristinamelo.pdf>. Acesso em 10 ago. 2020.

_____. Empresas incentivadas e o perfil exportador do estado do Ceará em um ambiente globalizado. In: AMARAL FILHO, J.; CARRILO, J. (Orgs.). **Trajetórias de desenvolvimento local e regional: uma comparação entre região nordeste do Brasil e Baixa Califórnia (México)**. Rio de Janeiro, 2011. p. 212-231. Disponível em: http://www.ric.ufc.br/evento1/cristina_melo.PDF. Acesso em 10 ago. 2020.

MEYER, T. R.; PAULA, L. F. de. Taxa de cambio, exportações e balança comercial no Brasil: uma análise do período 1999-2006. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 27, n.51, p. 187-2019, mar. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/9708/5888>. Acesso em 10 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Exportação e Importação Geral**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em 10 ago. 2020.

PORTER, M. E. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SILVA, M. F. **Relações econômicas internacionais**. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações: investigação sobre sua Natureza e suas Causas**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

TELES, M. **Balança comercial: CE tem superávit depois de 10 anos**. Fortaleza: FIEC, 2004.

VIGEVANI, T. **Relações Brasil-Estados Unidos**. Brasília: Ipea, 2011.

YOFFIE, D. B. **Beyond Free Trade. Firms, Governments, and Global Competition**. Brighton: Harvard Business School Press, 1993

APÊNDICE A — PRINCIPAIS MUNICÍPIOS EXPORTADORES (DESTINO EUA)

Municípios	1998		Municípios	2008		Municípios	2018	
	Valor	Part %		Valor	Part %		Valor	Part %
Fortaleza - CE	97.474.645	47,47	Fortaleza - CE	97.949.468	30,77	São Gonçalo do Amarante - CE	552.023.031	63,44
Canindé - CE	15.865.913	7,73	Cascavel - CE	44.821.376	14,08	Caucaia - CE	59.841.710	6,88
Caucaia - CE	14.572.427	7,10	Sobral - CE	26.755.796	8,41	Fortaleza - CE	56.793.682	6,53
Itapagé - CE	11.593.167	5,65	Uruburetama - CE	24.236.125	7,61	Uruburetama - CE	31.149.151	3,58
Cascavel - CE	11.448.283	5,58	Aracati - CE	18.053.777	5,67	Maracanaú - CE	26.193.030	3,01
Maracanaú - CE	10.267.229	5,00	Maracanaú - CE	16.282.038	5,11	Itapipoca - CE	22.256.669	2,56
Quixeramobim - CE	9.822.139	4,78	Aquiraz - CE	14.197.160	4,46	Sobral - CE	18.301.114	2,10
Sobral - CE	9.132.165	4,45	Quixeramobim - CE	13.426.810	4,22	Aquiraz - CE	16.833.660	1,93
Aracati - CE	6.887.106	3,35	Acaraú - CE	10.616.498	3,34	Camocim - CE	13.910.751	1,60
Uruburetama - CE	6.692.244	3,26	Caucaia - CE	9.926.891	3,12	Aracati - CE	13.440.552	1,54
Itapipoca - CE	5.070.972	2,47	Itapagé - CE	7.592.292	2,39	Ubajara - CE	10.670.920	1,23
Horizonte - CE	1.305.649	0,64	Camocim - CE	6.500.850	2,04	Itarema - CE	8.701.954	1,00
Fortim - CE	1.139.398	0,55	Itarema - CE	6.333.049	1,99	Paraipaba - CE	7.475.918	0,86
Caridade - CE	1.124.490	0,55	Ubajara - CE	5.916.392	1,86	Itapagé - CE	7.144.678	0,82
Eusébio - CE	999.884	0,49	Juazeiro do Norte - CE	4.237.151	1,33	Icapuí - CE	6.462.399	0,74
Pentecoste - CE	622.959	0,30	Eusébio - CE	2.541.968	0,80	Cascavel - CE	5.548.244	0,64
Crato - CE	522.964	0,25	Itapipoca - CE	2.474.884	0,78	Russas - CE	5.145.402	0,59
Itarema - CE	256.284	0,12	Crato - CE	2.274.231	0,71	Eusébio - CE	3.703.074	0,43
Maranguape - CE	249.675	0,12	Pacajus - CE	1.567.294	0,49	Crato - CE	1.888.536	0,22
Granja - CE	97.926	0,05	Horizonte - CE	796.482	0,25	Brejo Santo - CE	846.891	0,10
Barreira - CE	88.375	0,04	Barroquinha - CE	590.282	0,19	Banabuiú - CE	697.464	0,08
Pacatuba - CE	74.394	0,04	Icapuí - CE	286.300	0,09	Barbalha - CE	316.229	0,04
Banabuiú - CE	30.060	0,01	Granja - CE	258.490	0,08	Acaraú - CE	175.291	0,02
			Limoeiro do Norte - CE	224.808	0,07	Granja - CE	158.584	0,02
			Paraipaba - CE	110.792	0,03	Paracuru - CE	123.839	0,01
			Jaguaruana - CE	108.863	0,03	Quixeré - CE	122.995	0,01
			Banabuiú - CE	107.699	0,03	Quixeramobim - CE	71.640	0,01
			Maranguape - CE	83.493	0,03	Juazeiro do Norte - CE	54.788	0,01
			Paracuru - CE	24.738	0,01	Pentecoste - CE	45.374	0,01
			Marco - CE	24.133	0,01			

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

APÊNDICE B — RELAÇÕES COMERCIAIS (EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E SALDO DA BALANÇA COMERCIAL), ESTADO DO CEARÁ, 1997 A 2018

Ano	Exportação (US\$)	Importação (US\$)	Saldo (US\$)
1996	380.433.715	1.566.576.675	-1.186.142.960
1997	433.561.980	685.968.128	-252.406.148
1998	440.966.264	609.741.789	-168.775.525
1999	408.048.600	587.806.879	-179.758.279
2000	510.229.906	719.538.502	-209.308.596
2001	530.674.698	622.004.408	-91.329.710
2002	517.539.429	635.891.452	-118.352.023
2003	746.212.419	540.899.353	205.313.066
2004	851.250.609	572.431.052	278.819.557
2005	958.991.960	588.619.913	370.372.047
2006	1.001.925.232	1.096.703.989	-94.778.757
2007	1.174.483.549	1.407.385.451	-232.901.902
2008	1.306.260.989	1.553.925.274	-247.664.285
2009	1.092.235.265	1.230.678.595	-138.443.330
2010	1.261.744.883	2.170.307.037	-908.562.154
2011	1.791.525.443	2.404.040.485	-612.515.042
2012	1.587.309.906	2.864.908.134	-1.277.598.228
2013	1.463.383.759	3.302.178.753	-1.838.794.994
2014	1.526.522.131	3.012.979.565	-1.486.457.434
2015	1.099.357.670	2.689.992.986	-1.590.635.316
2016	1.324.882.209	3.489.865.086	-2.164.982.877
2017	2.113.694.364	2.243.198.393	-129.504.029
2018	2.336.205.408	2.533.888.604	-197.683.196

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

APÊNDICE C — EXPORTAÇÕES CEARENSES – ISIC *versus* FATOR AGREGADO
– 2018 (%)

ISIC	Fator Agregado	2018
Agropecuária	Produtos Básicos	100,00
	Produtos Manufaturados	0,00
	Semimanufaturados	0,00
	Total	8,11
	Indústria de Transformação	Produtos Básicos
Produtos Manufaturados		25,43
Semimanufaturados		71,64
Total		89,73
Indústria Extrativa		Produtos Básicos
	Produtos Manufaturados	1,33
	Total	1,08
	Outros Produtos	Consumo de Bordo
Produtos Básicos		13,23
Produtos Manufaturados		0,88
Semimanufaturados		0,00
Transações Especiais		0,01
Total		1,08

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).

APÊNDICE D — IMPORTAÇÕES CEARENSES – ISIC *versus* FATOR AGREGADO
– 2018 (%)

ISIC	Fator Agregado	2018
Agropecuária	Produtos Básicos	100,00
	Semimanufaturados	0,00
	Total	10,30
Indústria de Transformação	Produtos Básicos	0,99
	Produtos Manufaturados	90,99
	Semimanufaturados	8,02
	Total	55,75
Indústria Extrativa	Produtos Básicos	74,63
	Produtos Manufaturados	25,37
	Total	32,82

Fonte: Adaptado de Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016).